

BRITTO, Paulo Henriques. *Macau*.

São Paulo: Companhia das Letras, 2003, 80 p.

SISCAR, Marcos. *Metade da arte*.

São Paulo: Cosac & Naif. Rio de Janeiro: 7 Letras, 176 p.

POESIA E ASSUNTO

Um dos problemas centrais da poesia moderna é a chamada “crise da linguagem”. Para entender o que seja tal crise, é útil recorrer à formulação sintética de Sartre, segundo a qual o poeta moderno vê a palavra como objeto, não como signo. Uma das consequências dessa postura é a perda da capacidade de comunicação direta da poesia, que cada vez mais se dirige a si mesma e menos ao chamado “leitor comum”. Nos anos 40 e 50 o debate em torno dessa questão assumiu proporções épicas, levando tanto à proclamação apocalíptica da morte da poesia quanto à procura de caminhos que permitissem a superação do impasse – veja-se, neste sentido, o peso dado à comunicabilidade na teoria da poesia concreta.

Quando lançou *Trovar Claro* (1997), que desde o título revela um desejo de comunicação, Paulo Henriques Britto disse em entrevista: “E uma coisa que eu tenho, até por essa minha implicância com a tendência da arte de insistir no aspecto auto-reflexivo, é introduzir a questão do significado, e não só do significante. Falar de coisas”. Nesse sentido, seu mais recente livro, “*Macau*”, representa, ao mesmo tempo, uma retomada e um avanço em relação a sua obra anterior – a esta altura, uma das obras sólidas de nosso tempo. O que se retoma é a voz poética marcante que, misturando o rigor formal ao tom de irônica conversa fiada, implode de vez a associação entre forma fixa e anseio pelo sublime.

Quanto ao avanço, ele é perceptível, mais uma vez, desde o título, que remete a um lugar específico – ao mesmo tempo estranho, pois fica do outro lado do mudo, e familiar, já que partilha conosco a língua e parte de uma história. E, se a reflexão sobre poesia, predominante no livro anterior, abre *Macau*, logo cede lugar a outros assuntos. A partir da seção “Três tercinas” a indagação sobre o estar no mundo – especialmente com a consciência da finitude dessa condição – salta para o primeiro plano, de tal forma que, num lance ao mesmo tempo surpreendente e inevitável, Paulo Henriques Britto não só “fala de coisas” de maneira mais incisiva, como também amplia o alcance de sua poesia sobre poesia.

É por isso que, aqui, “*Macau*” se constrói como símbolo do território mínimo e inescapável do eu: um eu que, condenado à própria subjetividade, só se realiza quando

se dirige ao mundo, seja por meio da “fala esquisita” de uma poesia que procura um leitor, seja na conjunção precária de dois corpos: “mais uma noite a dois, e um dia a menos”.

Essa preocupação com o que se diz – ou com o como não se dizer – também desponta na poesia de Marcos Siscar. Seu livro de estréia, *Não se diz* (1999), traz poema em duas partes, “Bloco de notas”, em que o poeta arrola lembretes para si mesmo. O verso que fecha essas anotações é uma declaração sobre o problema da comunicação: “assunto: essência da poesia”. O poema que fecha o volume insiste nisso ao contrariar o axioma mallarmaico: “O mundo não existe para acabar/ num livro pois que talvez a última/ página me diga que estou vivo”.

Dessa definição decorrem as especificidades de uma obra que, a despeito de ter aparecido há pouco, já ocupa espaço próprio. Paulo Franchetti apontou um fenômeno curioso presente na nova poesia brasileira: limitando-se a um círculo limitado de referências poéticas, fazendo da palavra um objeto de culto fechado, certos poetas não se distinguem muito uns dos outros, formando juntos uma espécie de “supra ou protopoeta” que, sendo a voz de todos, não é a voz de ninguém.

É exatamente a esse imperativo que escapa a poesia de Marcos Siscar, de tal forma que o assunto, a vida de todo dia, mais que um tema, é sua sustentação. É a partir daí que se engendra uma forma, composta por uma fala que liga uma frase na outra, um assunto no outro, como uma máquina de juntar palavras e idéias: uma fala contínua e, ao mesmo tempo, entrecortada pelo próprio desenho dos versos. Para construir esse duplo movimento, feito de continuidade e interrupção, o poeta lança mão de recursos simples, mas que ganham um grande alcance: o verso livre, a ausência de pontuação e o *enjambement*. Assim, uma longa frase começa, despedaça-se, vira uma nova frase que, no fundo, são duas, já que a primeira não deixa de soar.

E, nessa poesia do assunto, todos os assuntos cabem: a cidade natal, provinciana *waste land*, a memória, a própria poesia, a natureza e sobretudo o amor. A lírica amorosa de Marcos Siscar, aliás, é bastante peculiar, em seu misto de experiência e reflexão. Nela desembocam ao mesmo tempo a certeza e a dúvida, o desconcerto e o consolo, o encontro e o desencontro. Por isso, assume a feição das coisas em perpétua construção e dissolução que, embora intensas, têm o cálculo de tudo que se sabe precário.

Pertencendo a duas gerações distintas, Paulo Henrques Britto e Marcos Siscar lançam mão de ferramentas diversas para lidar com um impasse inescapável. Por enfrentá-lo, assumindo a palavra tanto como coisa quanto como signo, são capazes de fazer uma poesia que pode ser tanto uma afirmação pessoal quanto uma resposta às exigências de seu tempo.

Luís Bueno
Universidade Federal do Paraná